O papel das Ciências Sociais

Simon Schwartzman

O Estado de São Paulo, 31 -08 - 1979, p. 2

Quando Augusto Comte inventou o termo "sociologia", suas expectativas para a nova disciplina eram altíssimas. A sociologia deveria ser o coroamento de todas as demais ciências e proporcionar a fórmula final para a melhor organização da sociedade. Comte acreditava que a sociedade humana poderia e deveria ser organizada cientificamente, e os sociólogos e sua superciência eram o caminho para isto. Do outro lado do canal do Mancha. as economistas ingleses não tinham pretensões menores. Ao contrário de Comte e dos franceses, que acreditavam na possibilidade de uma organização racional da sociedade, eles acreditavam somente na racionalidade dos indivíduos. Mas a agregação da racionalidade de cada um levaria a uma sociedade mais racional para todos e, neste sentido, as pretensões do economia clássica não eram pequenas. Nos dois lados do canal, com Darwin, Spencer e o próprio Comte, as ideias evolucionistas atestavam a existência do progresso constante, que terminaria com o Império do razão social e econômica. Marx. como sabemos, tratou de unir estas duas linhas de pensamento com a tradição filosófica e historicista alemã, e Engels completaria a tarefa ao vincular o marxismo o evolucionismo antropológico de Morgan vigente no século XIX.

O destino destas pretensões tão altas é hoje bastante claro. As ciências sociais conseguiram, sem duvida, aumentar o conhecimento a respeito de como funciona a sociedade e a economia, qual tem sido sua evolução e mesmo sobre o que poderemos, eventualmente, esperar do futuro. Apesar de impreciso, discutível, sujeito a generalizações indevidas e refutações de todo tipo, este cabedal de conhecimentos constitui um avanço muito importante no processo de desvendamento da natureza do homem por ele mesmo (às ciências sociais econômicas, neste quadro, haveria que acrescentara psicanálise, ao inaugurar a possibilidade de conhecimento sistemático do inconsciente. Mas este é um outro tema...) Ao mesmo tempo, as ciências sociais se constituíam em ideologia e, neste processo, as verdades provisórias assumiam o caráter de dogmas indiscutíveis. Comte, como sabemos, chegou ao extremo de propor a organização de uma ciência para sua ciência. O positivismo comtiano teve vida curta,

apesar de influências inesperadas como a que terminou por exercer no Brasil. A economia clássica e o marxismo, no entanto, foram ambas extremamente bem sucedidas deste ponto de vista, como sistemas de pensamento que dão aparentemente uma ordem intelectual aos dois grandes sistemas de organização social e política do mundo contemporâneo.

O paradoxo deste sucesso foi que ele se afirmou à custa da qualidade científica destas formas de conhecimentos da sociedade. Dois exemplos bastam para ilustrar esta ideia. John Kenneth Galbraith, no "Novo Estado Industrial", mostra como a ideologia da livre iniciativa, mercado aberto, livre concorrência, etc., que permeia o mundo capitalista norte-americano, está em grande contradição com a natureza essencialmente monopolística ou oligopolista de um mercado controlado e planejado pelas grandes corporações que são a parte mais importante do capitalismo moderno. A existência da economia como disciplina acadêmica, no mundo ocidental, permitiu que ela se desenvolvesse em muitas partes como corpo de conhecimentos que vai muito além dos dogmas clássicos denunciados por Galbraith – mas nesta medida, também, a economia perde força como ideologia.

O outro exemplo é a total incapacidade do marxismo dos países socialistas de proporcionar um entendimento adequado do. fenômenos de burocratização e concentração de poder que ocorre nestes países, apesar dos estudos pioneiros de Marx sobre estes temas, É de novo no Ocidente e em alguns poucos países socialistas, onde o marxismo consegue, muitas vezes, um lugar no sistema acadêmico e universitário, independentemente do envolvimento direto no processo político, que surgem as análises marxistas mais interessantes a respeito destes temas.

A explicação para este paradoxo é relativamente simples, O conhecimento aprofundado do realidade exige um compromisso do estudioso com a verdade das coisas que ele vê e entende, de acordo com os critérios que ele aprendeu a utilizar e a aceitar. A vida política exige, por outro lado, uma adequação entre certas afirmações sobre a realidade e os interesses de determinados grupos em conflito. Ao afirmar que todo o conhecimento é situado e condicionado historicamente – tese sem dúvida irrefutável em sua generalidade – a sociologia de inspiração positivista ou marxista terminou por negar a diferenciação

entre as instâncias do conhecimento e da ação, levando assim, frequentemente, ao extremo de tentar justificar a verdade de determinadas proposições por suas consequências, substituindo, desta forma, o uso da razão pelo voluntarismo absoluto da ação. O papel das ciências sociais no mundo de hoje não pode ser mais o de pretender dar a grande chave para a solução dos grandes problemas contemporâneos. Estes problemas e suas soluções não dependem de uma ideologia "racional" ou "científica", mas de um jogo de forças, interesses, valores e motivações contraditórios e muitas vezes irredutíveis.

É certo que, no conflito social, as ciências sociais podem servir de fontes de conhecimento para o desenvolvimento de certas tecnologias de confronto entre grupos ou de dominação de uns sobre outros. O leninismo, como sabemos, é essencialmente um conjunto de conhecimentos voltados para a elaboração de estratégias de conflito político. A psicologia e a sociologia industriais são muitas vezes utilizadas como meios para o controle do comportamento de indivíduos e grupos sociais, em benefício de determinadas classes e interesses. Este uso instrumental das ciências sociais – que felizmente não tem o desenvolvimento e o poder de seus equivalentes nas ciências naturais - está, obviamente, muito longe da missão salvadora que os fundadores da sociologia e da economia clássica lhes atribuía.

Vale a pena observar que a ideia de transformar as ciências sociais em "profissões", com determinados produtos ou serviços técnicos a serem vendidos no mercado de trabalho, traz implícita esta ideia de uso tecnológico ou tecnocrático das ciências sociais. Se isto ocorre naturalmente com as profissões claramente instrumentais como a advocacia, a administração ou o serviço social, tratar de colocar a sociologia no mesmo esquema seria transformá-la, exatamente, no oposto do que pretendiam seus fundadores.

Nem grande ideologia nem tecnologia de engenharia social, o papel que resta às ciências sociais é o papel de análise crítica e reflexiva sobre os processos sociais contemporâneos. É, em certo sentido, um papel menor, e para muitos bastante decepcionante, porque não vem acompanhado das glórias do poder. Ao mesmo tempo, no entanto, é um papel importantíssimo. As ciências sociais têm condições de manter abertas as portas para o entendimento de que existem vias alternativas para as opções do presente, de que os ídolos e verdades absolutas de hoje são relativos e limitados, que

existem caminhos que levam ao desastre e caminhos que não o fazem, que existem experiências sociais importantes no passado e em outros lugares que devem ser vistas, entendidas e comparadas com as nossas. Ao desempenhar este papel, as ciências sociais ajudam a manter abertas as opções dos indivíduos e das sociedades e, neste sentido, são tão importantes quanto o ar que respiramos.

Para desempenhar este papel, as ciências sociais têm que aceitar serem difíceis, pouco influentes, muitas vezes impopulares. Na missão de segurar a vela do entendimento os dedos, frequentemente, se queimam. São os ossos do ofício.